



Levantamento da diversidade e uso das plantas medicinais utilizadas por moradores do município de Puxinanã, PB, Brasil

José Adeildo de Lima Filho^{1*} e Maria das Graças Veloso Marinho²

¹Professor de Biologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFPB - Campus Campina Grande-PB

²Professora da Unidade Acadêmica de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB, Brasil.

*Autor para contato: E-mail: adeildobiologia@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa realizou um levantamento sobre as plantas medicinais utilizadas por pessoas do município de Puxinanã, na Mesorregião do Agreste da Borborema e na Microrregião de Campina Grande, PB, Brasil. Foram utilizados questionários semiestruturados com 42 entrevistados, sendo a maioria do sexo feminino, casados, com filhos, com baixa escolaridade e com a profissão de agricultor. As famílias botânicas mais abundantes foram Fabaceae e Asteraceae (7 espécies cada uma). As espécies com maior número de citações foram *Plectranthusamboinicus* (Lour.) Spreng. (27), *Chenopodiumambrosioides* L. (26), *Lippialba* (Mill.) N.E. Br. e *Bauhiniacheilantha* (Bong.) Steud (25 cada uma). Calculou-se o índice de concordância com o uso principal corrigido (CUPc) e a Frequência Relativa (FRi) das plantas mencionadas pelos informantes. A planta com maior CUPc e com maior Fri foi a *Plectranthusamboinicus* (Lour.) Spreng. que obteve CUPc= 85,19% e Fri= 64,29%.

Palavras-chaves: Etnobotânica, Índice de Concordância, Frequência Relativa.

Abstract

Survey of Diversity and Use of Medicinal Plants Used by Residents from the municipality of Puxinanã, Paraíba, NE Brazil. This research aimed to conduct a survey about the medicinal plants used by people from the municipality of Puxinanã, located in the Mesoregion of Agreste da Borborema and Microregion of Campina Grande, Paraíba, Brazil. Semi-structured questionnaires were applied to 42 informants, mostly female, married, with children, with low education and farming as profession. The most abundant plant families were Fabaceae and Asteraceae (7 species each). The species with the highest number of citations were *Plectranthusamboinicus* (Lour.) Spreng. (27), *Chenopodiumambrosioides* L. (26), and *Lippialba* (Mill.) N.E. Br. and *Bauhiniacheilantha* (Bong.) Steud (25 species each). We calculated the Concordance Index with the principal use corrected (CUPc) and the Relative Frequency (FRi) of the plants mentioned by the informants. The plant with the highest CUPc and FRi was *Plectranthusamboinicus* (Lour.) Spreng. which had CUPc= 85.19% and Fri= 64.29%.
Keywords: Ethnobotany, Concordance Index, Relative Frequency.

Resumen

Estudio de la Diversidad y uso de plantas medicinales utilizadas por los residentes de la Ciudad de Puxinanã, PB, Brasil. Esta investigación llevó a cabo un estudio de las plantas medicinales utilizadas por la gente de la ciudad de Puxinanã en mesorregión del "agreste" de Borborema y microregión de Campina Grande, PB, Brasil. Cuestionarios semi-estructurados se utilizaron con 42 participantes, en su mayoría mujeres, casados, con hijos, con bajo nivel de estudios y la profesión de agricultor. Los más abundantes familias de plantas fueron Fabaceae y Asteraceae (7 especies cada uno). La especie con el mayor número de citas eran *Plectranthusamboinicus* (Lour.) Spreng. (27) *Chenopodiumambrosioides* L. (26), *Lippialba* (Mill.) NE Br. *Cheilantha* y *Bauhinia* (Bong.) Steud (25 cada uno). Se calculó la tasa de acuerdo con el uso corregido director (CAMU) y la frecuencia relativa (FRI) de las plantas mencionadas por los informantes. La planta más y más camu vie era *Plectranthusamboinicus* (Lour.) Spreng. que llegó camu = 85.19% y 64.29% = vie
Palabras clave: Etnobotánica, Índice Concordancia, frecuencia relativa.

Introdução

Na Caatinga, os estudos científicos acerca de sua vegetação são escassos, a despeito de existirem 800 espécies endêmicas (Melare 2013). Esse ecossistema ocupa 70% do Nordeste Brasileiro e 11% do território nacional, contudo vem sofrendo forte degradação ao ponto de algumas espécies se encontrarem na lista das ameaçadas de extinção (Brasil 2008).

Segundo Pereira Filho & Bakke (2010), a exploração racional da Caatinga, sobretudo de seus recursos naturais requer um conhecimento prévio de suas condições ecológicas, haja vista de se tratar de um ecossistema com ambientes frágeis, submetidos a condições climáticas limitantes. Dessa forma, estudos que envolvem a flora desse ecossistema, sobretudo os de plantas medicinais são de grande importância na sua preservação.

A Etnobotânica, segundo Alves *et al.* (2007), “compreende o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas”. Através da Etnobotânica se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional, particularmente relacionada ao uso dos recursos da flora (Marinho *et al.* 2011).

O estudo das plantas medicinais representa um dos ramos mais importantes da Etnobotânica. Plantas medicinais, de acordo com a OMS (1998), são “todo e qualquer vegetal que possui, em um ou mais órgãos, substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semi-sintéticos”. A utilização dessas plantas é uma prática de domínio público, cuja história se confunde com a própria existência do homem (Bianchini *et al.* 2010).

Silva *et al.* (2010) afirmam que várias pessoas estão fazendo uso das plantas medicinais, tanto pelo baixo custo como pela facilidade em adquiri-las. Dessa forma é importante que se tenha uma preocupação acerca da correta utilização das plantas com efeitos terapêuticos, pois muitos

consumidores se sentem encorajados em utilizar essas plantas por acreditarem que, por serem naturais, não fazem mal à saúde (Veiga Junior & Pinto 2005).

O presente trabalho realizou o levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do município de Puxinanã, no semiárido paraibano.

Material e Métodos

Caracterização da área de estudo

O estudo foi conduzido no município de Puxinanã, 7° 9' 39"S e 35° 57' 39"W, na Mesorregião do Agreste da Borborema e na Microrregião de Campina Grande, PB (Fig. 1). O município está situado no domínio da Caatinga e de acordo com a classificação de Köppen, essa localidade apresenta clima do tipo (Bsh), árido, muito seco e com chuvas escassas. Em sua cota máxima registra uma altitude de 711 m, com extensão territorial de 74 km² (0,1305% da Paraíba) e distante a 121,2 km da capital do estado, João Pessoa (Tolke *et al.* 2011). A geologia do local é proveniente do terciário, a formação geológica provém da era pré-cambriana, caracterizado pela presença de gnaisses e migmatitos. Os solos encontrados nessa região, conforme Brasil (1972), são os Argissolos, Neossolos litólicos, Luvisolos e os afloramentos rochosos são elementos abundantes neste município.

Escolha da área

A escolha da área de estudo deveu-se ao fato do município de Puxinanã apresentar uma facilidade de acesso, além de não existirem relatos de trabalhos etnobotânicos e etnofarmacológicos nesta área. A área estudada foi dividida em três partes: Área 1 (A1), Centro do município de Puxinanã; Área 2 (A2) Sítio Barro Vermelho; e Área 3 (A3), Sítio Beija-Flor (Fig. 2).

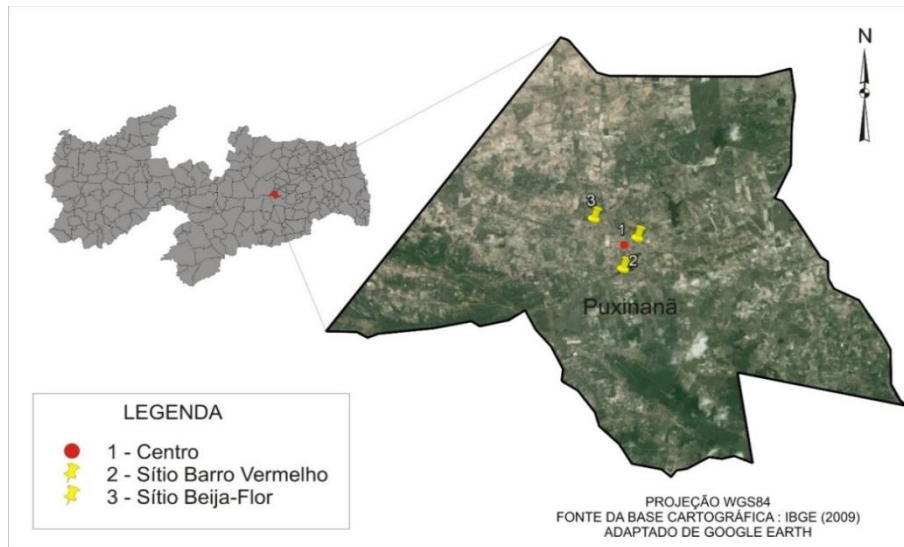


Figura 1. Localização geográfica do município de Puxinanã, PB.

Coleta de dados e método etnobotânico aplicado

Foram entrevistados 42 moradores (Fig. 3: A-C) que apresentaram experiências com a utilização de plantas medicinais. A coleta de dados ocorreu através da aplicação de questionário semiestruturado, sócio-cultural e ambiental (ver apêndice), nos dias 03 e 04 de março de 2012, nos horários de 8h às 12h e de 14h às 17h. Os dados específicos da comunidade foram levantados e traçados os perfis para a realização dos estudos etnobotânicos, de acordo com os pressupostos de Martin (1995) e Alexiades (1996), complementados com os subsídios constantes dos trabalhos de Moran (1990), Di Stasi (1996), Ribeiro (1996) e Sousa (1993). Foram tomados dados etnobotânicos sobre as principais plantas medicinais, baseados nos seguintes procedimentos: 1) Aproximação inicial da comunidade; 2) Identificação das pessoas na faixa etária de 25 a 85 anos que realmente detêm as informações sobre as plantas medicinais da região; 3) Associação entre o uso destas plantas e o nível socioeconômico dos usuários; 4) Relações das plantas medicinais homem-ambiente; 5) Informações sobre a maneira de uso e as indicações terapêuticas atribuídas pelos usuários a cada planta. Outros dados etnobotânicos foram obtidos com base em levantamento de herbário, através do exame da coleção do Herbário Lauro Pires Xavier

(JPB), Universidade Federal da Paraíba, registrando-se os dados etnobotânicos existentes nos rótulos das exsiccatas e também em bibliografia especializada.

O trabalho foi realizado de acordo com as técnicas acima mencionadas, obedecendo às regras fundamentais propostas por Posey (1987).

Coleta e identificação das espécies de plantas medicinais

As coletas das espécies foram realizadas nas três áreas, A1 e A2 e A3, do município, nos dias 07 e 08 de abril de 2012. As plantas medicinais foram coletadas, prensadas e postas para secagem em estufa a 60°C. Posteriormente, foram confeccionadas as exsiccatas, seguindo-se as técnicas usuais para herborização recomendadas por Forman & Bridson (1989), e registradas no Programa Brahms. O material coletado foi depositado no Herbário do Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR) da Universidade Federal de Campina Grande, em Patos, PB, sobre os números CSTR – 4032 a CSTR – 4041.

Análises morfológicas para as identificações, descrições das espécies foram realizadas com auxílio de chaves de identificação, diagnoses encontradas na bibliografia e comparação com as exsiccatas do herbário do CSTR. Duplicatas foram enviadas a especialistas, quando necessário, para a identificação ou confirmação da identidade da espécie.

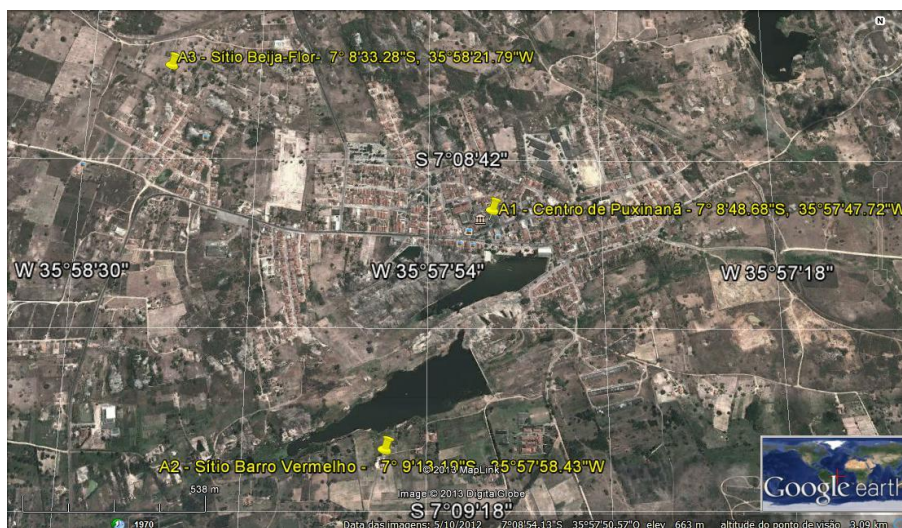


Figura 2. Imagem de satélite do município de Puxinanã, PB, destacando, em amarelo, as áreas estudadas. Fonte: Google Earth, versão 2013.



Figura 3. Moradores do município de Puxinanã, PB, respondendo às perguntas sobre o conhecimento de plantas medicinais, em que A corresponde à Área A1 (Centro de Puxinanã); B à Área A2 (Sítio Barro Vermelho); C Área A3 (Sítio Beija-Flor).

Análises dos dados

A partir dos dados obtidos através das entrevistas foram realizadas as seguintes análises qualitativas:

O índice de concordância de uso principal (CUP) demonstra a importância relativa das plantas utilizadas quanto ao número de entrevistados que as citaram e a concordância dos usos citados (Equação 1). Para este cálculo foram consideradas apenas as plantas citadas por 10 ou mais entrevistados.

A frequência relativa das plantas medicinais foi calculada no Programa Microsoft Excel 2010, conforme Martins (1979), Castro (1987) e Rodal et al. (1992). Esta análise levou em consideração todas as plantas medicinais citadas pelos informantes nas áreas de estudo (Equações 4 e 5). Apenas as plantas que apresentaram frequência de citação $\geq 5\%$ foram consideradas para fins de discussão com auxílio de bibliografia especializada.

Resultados e Discussão

Caracterização sócio-econômica dos entrevistados

Dos 42 entrevistados (informantes) no município de Puxinanã, PB, três, representando 7%, eram do sexo masculino e 39 (93%) do sexo feminino (Fig. 4).

233

Sexo

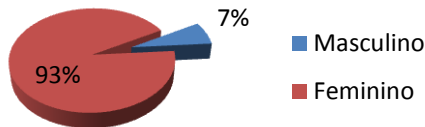


Figura 4. Percentuais referentes ao sexo dos entrevistados do município de Puxinanã, PB.

Esses resultados corroboram com os obtidos por Oliveira & Menini Neto (2012) sugerindo que as mulheres, por uma questão cultural, costumam ficar em casa sendo suas tarefas domésticas o cultivo de plantas medicinais. Resultados semelhantes foram obtidos também por Silva (2012), que sugerem além dos motivos citados anteriormente, o fato de que as entrevistas por terem sido realizadas durante o período diurno, geralmente são as mulheres que permanecem em suas residências realizando as tarefas domésticas.

Em relação ao estado civil (Fig. 5), dos entrevistados nenhum era solteiro (0%), 27 (vinte e sete) eram casados representando (64%), nove eram viúvos (22%) e seis não mencionaram o estado civil (14%). Resultados semelhantes a Silva (2012) em que foram verificados que a maioria dos informantes eram casados.

Quando perguntados se tinham filhos (Fig. 6), 39 (93%) afirmaram que sim e três (7%) afirmaram que não tinham filhos. A necessidade de saber se os informantes apresentam filhos deve-se ao fato de se verificar se os genitores transmitem o conhecimento sobre plantas medicinais aos seus descendentes, pois conforme Rodrigues & Carvalho (2001), existem alguns motivos que levam os pais a não transmitirem esses conhecimentos aos filhos, tais como, a falta de tempo com os filhos, a própria falta de interesse dos filhos e pelo fato de muitos desses filhos terem saído de casa precocemente e constituído família, distanciando-se dos pais.

Em relação à escolaridade dos informantes (Fig. 7), nove sabem ler e escrever (21%), 15 (quinze) sabem apenas assinar o nome (36%), 12 (doze) sabem ler e escrever pouco (29%) e não sabem ler e nem escrever (14%).

Dados semelhantes em relação à escolaridade dos informantes foram obtidos no estudo de Oliveira & Menini Neto (2012) e por Marçal *et al.* (2003) nos quais observou-se que a maioria dos entrevistados apresentou uma baixa escolaridade. De acordo com Kffuri (2008), os informantes com pouca ou baixa escolaridade escolhem a medicina popular ao invés da medicina moderna, dessa forma o uso de plantas medicinais é influenciado pelo grau de instrução. No estudo de Marinho *et al.* (2011), diferentemente desses resultados, apareceram alguns informantes com ensino superior, demonstrando que a utilização de plantas medicinais nem sempre está relacionada a pessoas com baixa escolaridade.

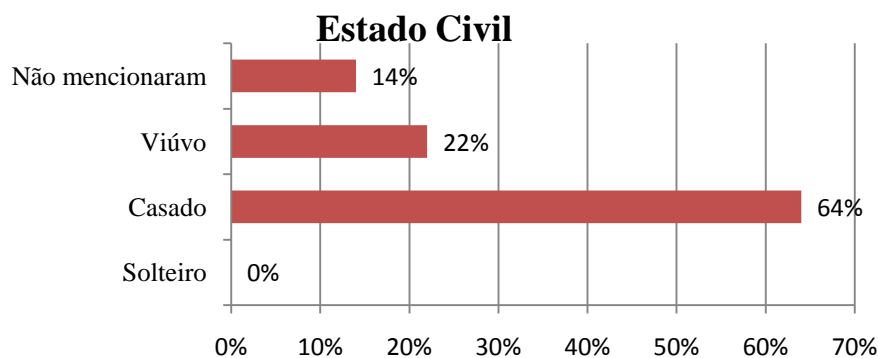


Figura 5. Estado civil dos informantes no município de Puxinanã, PB.

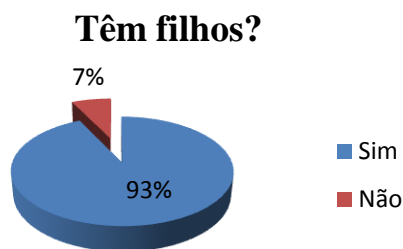


Figura 6. Descendentes dos informantes no município de Puxinanã, PB.

No que diz respeito à maneira pela qual os entrevistados obtiveram seus conhecimentos com plantas medicinais (Fig. 8), nenhum afirmou ter obtido através da TV, rádio e nem em jornais, 36 (trinta e seis) informaram ter recebido seus conhecimentos dos pais (86%), três através dos avós (7%) e apenas três afirmaram que os conhecimentos acerca das plantas medicinais foram obtidos com outras pessoas (7%). No item profissão exercida (Fig. 9), 30 (trinta) pessoas afirmaram que eram agricultores (72%), nove eram

domésticos (21%) e três exerciam outra profissão (7%).

Silva *et al.* (2009) estudando uma comunidade rural em Indaial-SC obtiveram resultados semelhantes aos deste trabalho, demonstrando que a 73,8% dos entrevistados eram do setor primário de produção (agricultores e pecuaristas).

Outra pergunta feita aos informantes foi se eles costumavam utilizar plantas medicinais no tratamento das enfermidades e todos os entrevistados (100%) informaram que costumavam fazer uso, contudo metade desses entrevistados informou que fazem uso com muita frequência e a outra metade com pouca frequência.

Esses resultados foram diferentes dos encontrados nos estudos de Negrelle & Fornazzari (2007) em duas comunidades rurais do estado do Paraná, em que aproximadamente 90% dos entrevistados afirmaram fazer uso das plantas medicinais.

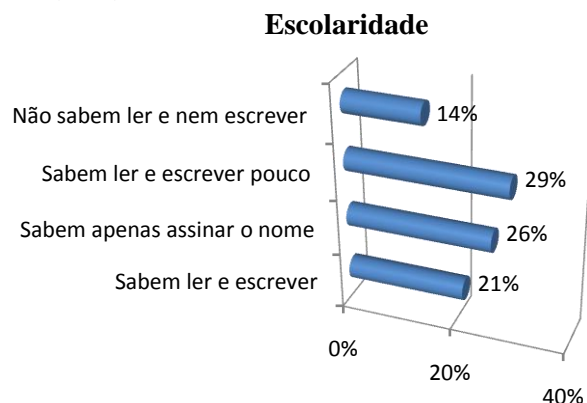


Figura 7. Escolaridade dos informantes no município de Puxinanã, PB.

Conhecimento sobre plantas medicinais

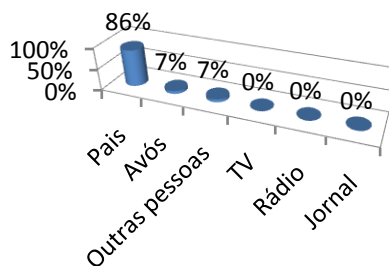


Figura 8. Conhecimento sobre plantas medicinais através dos informantes no município de Puxinanã, PB.

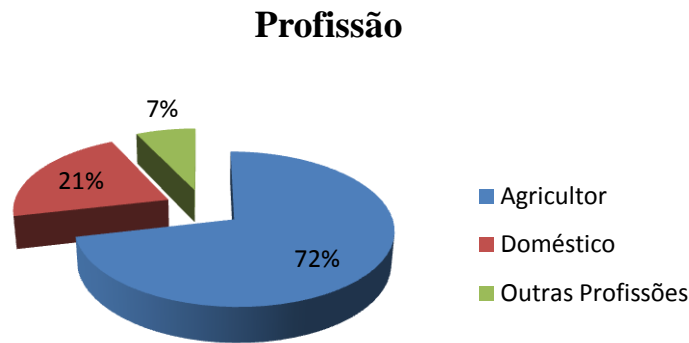


Figura 9. Profissões exercidas pelos informantes no município de Puxinanã, PB.

Citações de plantas medicinais pelos moradores do município de Puxinanã, PB.

Em um universo de 42 entrevistados, foram solicitadas citações de dez tipos de plantas por informante, sendo registradas ao todo 58 plantas utilizadas para fins medicinais pelos moradores (Fig. 10).

Através de consultas em bibliografia especializada (Lorenzi & Matos 2008), foram consultados os nomes científicos constantes na tabela (1), de 34 famílias diferentes. As famílias mais representativas em número de espécies foram Fabaceae (8 spp.), Asteraceae (7 spp.), Lamiaceae (4 spp.) e Rubiaceae (3 spp.) e as demais famílias apresentaram duas ou uma espécie cada (Fig. 11).

Hábito das plantas

Dentre os tipos de hábitos das espécies de plantas medicinais registradas no município de Puxinanã, PB predominaram as herbáceas (48,3%), em seguida as arbóreas (32,8%) (Fig.12). Esses resultados foram diferentes dos encontrados por Silva (2012) em estudos no Sítio Nazaré, município de Milagres, CE, em que predominaram as espécies arbóreas (37%) e as arbustivas (30,6%). Dados sobre o uso de recursos vegetais da caatinga foram

relatados por Albuquerque & Andrade (2002), Agra *et al.* (1996), Marinho (2006) e Araújo (2009) em que corroboram com os estudos de Silva (2012).

Partes da planta utilizada no preparo dos remédios

Os entrevistados informaram que para a produção de remédios caseiros utilizam várias partes das plantas (folha, raiz, flor, casca do caule, semente, fruto, casca do fruto, bulbo e batata). Constatou-se que 47% dos informantes citaram a folha como a parte da planta mais utilizada, seguida da casca do caule com 13,6% das citações e a raiz com 12,1%. As outras partes da planta tiveram, cada uma, frequência de citação inferior a 10% (Fig. 13). Esses resultados foram diferentes dos estudos de Silva (2012) com moradores do Sítio Nazaré, no município de Milagres, CE, que demonstraram predomínio da casca na produção de remédios caseiros e Oliveira *et al.* (2005) que relataram que em Caruaru, PE, 76% das citações se referem a estruturas perenes das plantas, como casca, entrecasca e raízes, haja vista que essas estruturas são encontradas nas plantas da Caatinga tanto no período chuvoso quanto no seco (Silva, 2012).



Figura 10. Fotografias de espécies de plantas amostradas durante as entrevistas com moradores no município de Puxinanã, PB. **A=** *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng; **B=** *Chenopodium ambrosioides* L.; **C=** *Momordica charantia* L.; **D=** *Lippia alba* (Mill.)N.E. Br.; **E=** *Plectranthus barbatus* Andrews; **F=** *Mentha x villosa* Huds.; **G=** *Erythrina velutina* Willd.; **H=** *Borreria verticillata* (L.) G. Mey.; **I=** *Poincianella pyramidalis* (Tul.) L. P. Queiroz; **J=** *Libidibiaferrea* (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz; **K=** *Anacardium occidentale* L.; **L=** *Myracrodruon urundeuva* Allemão.

Famílias Botânicas

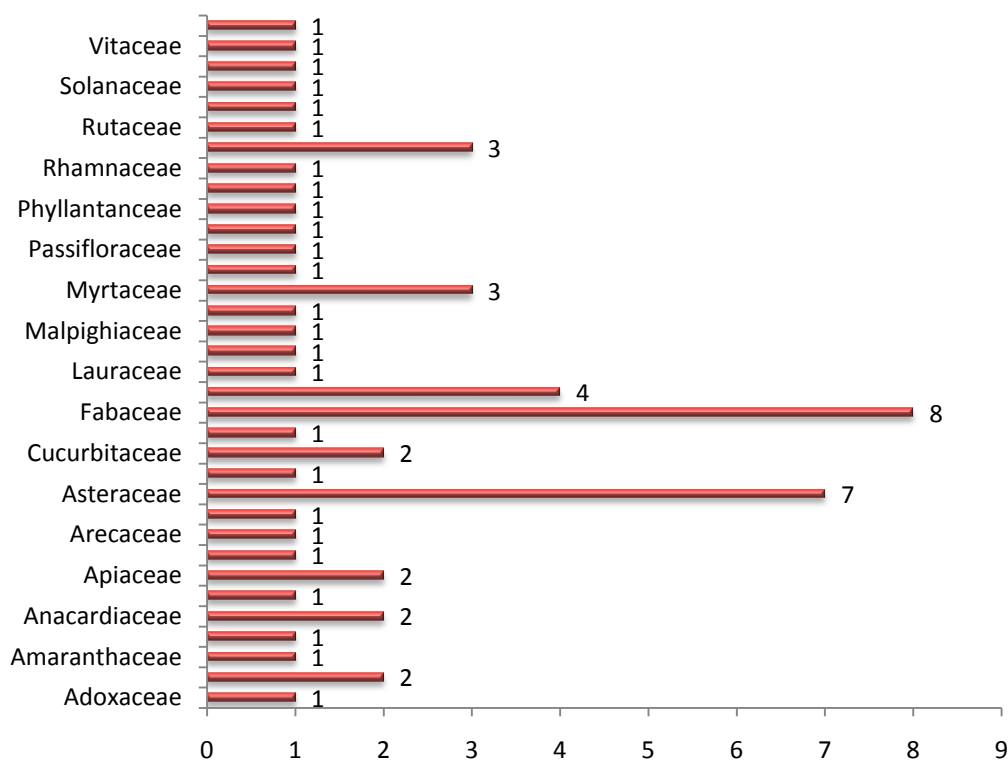


Figura 11. Relação do número de famílias botânicas de plantas medicinais indicadas pelos moradores do município de Puxinanã, PB.

Formas de preparo

Na pesquisa verificou-se que 44,3% das citações relataram que o chá foi a forma de preparo mais comum, seguida do cozimento com 16,4%, do lambedor com 15,2% e a imersão em água com 12,7%. Os outros 11,4% foram para formas como a

garrafada e para sucos. Marinho *et al.* (2011) em estudos com plantas da caatinga em São José de Espinharas, PB, verificaram que o lambedor foi a forma de preparo mais comum com 32%, seguida do chá com 24% (Fig. 14).

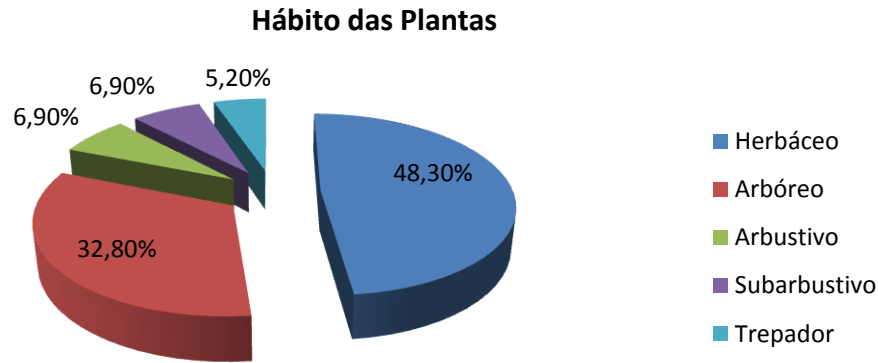


Figura 12. Tipos de hábito das plantas citados pelos informantes do município de Puxinanã, PB.

Partes da Planta Utilizadas

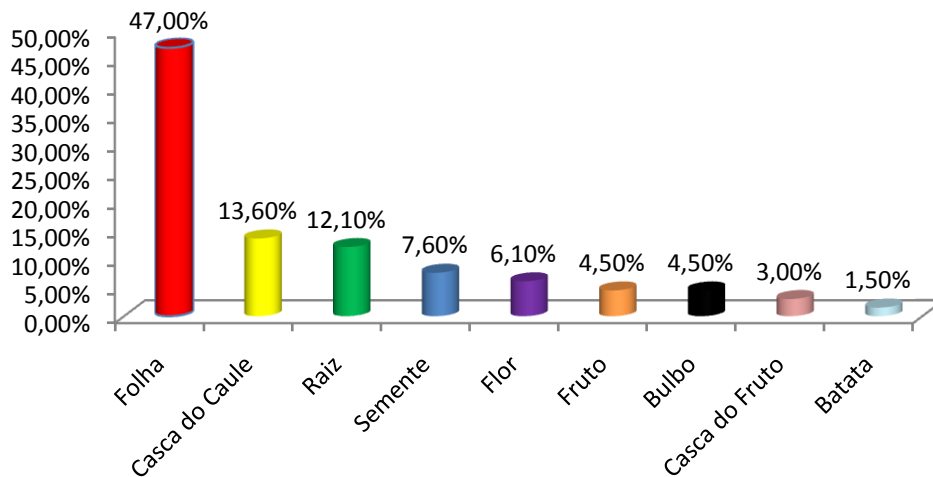


Figura 13. Partes utilizadas das plantas medicinais pelos informantes do município de Puxinanã, PB.

Índices de concordância de uso principal e corrigido

Foram listadas as plantas citadas por 10 ou mais pessoas, totalizando 23 espécies (Tab. 1). Pelos resultados apresentados na tabela 1, verifica-se que a planta que apresentou o maior índice de concordância de uso principal corrigido (CUPc) foi *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng com 85,2%. Deve-se

também registrar os altos valores do CUPc de plantas como *Chenopodium ambrosioides* L., *Bauhinia cheilantha* (Bong.) Steud e *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br.com 77,78% cada uma. Percebe-se que *Plectranthus barbatus* Andrews, *Acanthospermum hispidum* D.C e *Hymenaea courbaril* L, apresentaram forte índice de concordância de uso principal, 72,7%, 71,4% e 45,5%, respectivamente,

entretanto, quando se aplica o fator de correção (FC) comparando-as com a espécie mais citada, estes valores decaem para 29,6%, 37% e 18,5%.

De acordo com Vendruscolo & Mentz (2006):

[...] Quanto maior o valor da porcentagem de Concordância Corrigida quanto aos Usos Principais para cada uma das espécies (CUPc), maior é o número de informantes que citou o uso principal para a espécie, portanto com maior concordância da população na indicação deste uso. Como o CUPc é um índice de fidelidade quanto ao uso principal

referido pelos informantes para a espécie, ele pode indicar quais as espécies mais promissoras para a realização de estudos farmacológicos relativos aos usos indicados pela população[...]

Diante do exposto, fazem-se necessários estudos mais aprofundados sobre os princípios ativos de plantas com CPUc elevados a fim de dirimir quaisquer dúvidas acerca dos usos de remédios à base de plantas medicinais, até mesmo, para garantir um melhor aproveitamento dos recursos naturais de uma região natural, com destaque para a caatinga, ambiente objeto de estudo desse trabalho.

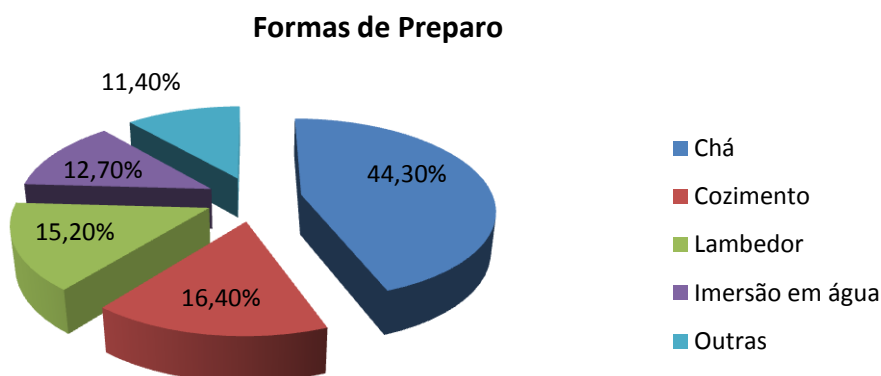


Figura 14. Formas de preparo dos remédios caseiros citadas pelos informantes do município de Puxinanã, PB.

Tabela 1. Percentual de concordância quanto aos usos principais no município de Puxinanã, PB (ICUE = número de entrevistados citando uso da espécie; ICUP = número de entrevistados citando usos principais da espécie; CUP = percentual de concordância quanto aos usos principais; FC = fator de correção; CUPc = CUP corrigido).

NOME POPULAR ou VULGAR	Nome científico	Uso Principal (UP)	ICUE	ICUP	CUP	FC	CUPc
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Febre e inflamação	14	10	71,43	0,52	37,04
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Gripe, tosse	26	21	80,77	0,96	77,78
Aroeira do Sertão	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Cicatrizante, Inflamação	17	10	58,82	0,63	37,04
Cajueiro-roxo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cicatrizante, Inflamação	18	12	66,67	0,67	44,44
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Problemas digestivos	22	8	36,36	0,81	29,63
Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Calmante	13	9	69,23	0,48	33,33

Carrapicho-de cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Tosse	14	10	71,43	0,52	37,04
Catingueira	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L. P. Queiroz	Tosse, Dor de barriga	14	11	78,57	0,52	40,74
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Vermífugo e hemorroida	24	20	83,33	0,89	74,07
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd	Calmante, dor no ouvido, baixar pressão	17	11	64,71	0,63	40,74
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Tosse, bronquite	11	5	45,45	0,41	18,52
Jucá	<i>Libidibiaferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	Tosse, inflamação	13	4	30,77	0,48	14,81
Mororó-do-sertão	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Diabetes	25	21	84,00	0,93	77,78
Hortelã-da-folha-gorda	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Tosse, resfriado, inflamação no útero	27	23	85,19	1,00	85,19
Hortelã-do-Pará (sete-dores)	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Problemas digestivos, males do fígado	11	8	72,73	0,41	29,63
Hortelã-miúda	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Problemas digestivos e tratamento de protozooses	16	9	56,25	0,59	33,33
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Inflamação na garganta	17	12	70,59	0,63	44,44
Malva-rosa	<i>Alcea rosea</i> L.	Tosse, bronquite	18	10	55,56	0,67	37,04
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Calmante, baixar pressão arterial	17	11	64,71	0,63	40,74
Papaconha	<i>Cephaelis ipecacuanha</i> (Brot.) A. Rich.	Tosse	15	10	66,67	0,56	37,04
Vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey	Hemorroida, vermífuga	17	13	76,47	0,63	48,15
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Cólicas menstruais, dor de ouvido	12	8	66,67	0,44	29,63
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Calmante, dor de barriga	25	21	84,00	0,93	77,78

A frequência relativa das plantas medicinais

Na Tabela 2, mostram-se os nomes científicos e populares das espécies citadas pelos informantes assim como, as frequências absolutas e relativas das plantas medicinais.

Apenas as plantas que apresentaram frequência de citação $\geq 5\%$ foram identificadas com auxílio de bibliografia especializada, e os dados coletados foram organizados em planilhas do Microsoft Excel, conforme a tabela 3.

Tabela 2. Frequências Absolutas (FAi) e Relativas (FRi) de todas as plantas citadas pelos informantes.

Nomes Vulgares	Nomes Científicos	NUA	NUT	FAi	FRi
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	2	42	4,76	0,80
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	1	42	2,38	0,40
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	3	42	7,14	1,19
Aroeira-do-sertão	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	17	42	40,48	6,77
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	12	42	28,57	4,78
Azeitona-preta	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	3	42	7,14	1,19
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Bum. f.	5	42	11,90	1,99
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	5	42	11,90	1,99
Boa-noite branca	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	3	42	7,14	1,19
Boldo	<i>Peumus boldus</i> Molina	7	42	16,67	2,79
Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	3	42	7,14	1,19
Cajueiro-roxo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	18	42	42,86	7,17
Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	13	42	30,95	5,18
Cana-do-mato	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	3	42	7,14	1,19
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	17	42	40,48	6,77
Cardo-santo	<i>Cnicus benedictus</i> L.	5	42	11,90	1,99
Carrapateira	<i>Ricinus comunis</i> L.	3	42	7,14	1,19
Carrapicho-de-cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	14	42	33,33	5,57
Catingueira	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz	14	42	33,33	5,57
Cebola-branca	<i>Allium cepa</i> L.	5	42	11,90	1,99
Cebola-do-mato	<i>Hippeastrum puniceum</i> (L.) Urb.	3	42	7,14	1,19
Coco-católé	<i>Syagrus schizophylla</i> (Mart.) Glassman	9	42	21,43	3,58
Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.	9	42	21,43	3,58
Cumarú	<i>Amburana cearensis</i> (Alemão) A.C. Sm.	8	42	19,05	3,19
Endro	<i>Anethum graveolens</i> L.	6	42	14,29	2,39
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	25	42	59,52	9,95
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	22	42	52,38	8,76
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	6	42	14,29	2,39
Fedegoso	<i>Senna uniflora</i> (Mill) H.S. Irwin & Barneby	7	42	16,67	2,79
Fumo-bravo	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	8	42	19,05	3,19
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	3	42	7,14	1,19
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	5	42	11,90	1,99
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	9	42	21,43	3,58
Hortelã-da-folha-gorda	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	27	42	64,29	10,75

Hortelã-do-Pará (Sete-dores)	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	11	42	26,19	4,38
Hortelã-miúda	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	16	42	38,10	6,37
Insulina	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	5	42	11,90	1,99
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	11	42	26,19	4,38
Jenipapo-do-mato	<i>Genipa americana</i> L.	6	42	14,29	2,39
Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	9	42	21,43	3,58
Jucá	<i>Libidibiaferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	13	42	30,95	5,18
Malva-rosa	<i>Alcea rósea</i> L.	18	42	42,86	7,17
Maracujá-do-mato	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	3	42	7,14	1,19
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	26	42	61,90	10,35
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	24	42	57,14	9,56
Mororó-do-mato	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud	25	42	59,52	9,95
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	17	42	40,48	6,77
Papaconha	<i>Cephaelis ipecacuanha</i> (Brot.) A. Rich.	15	42	35,71	5,97
Pega-pinto	<i>Boerthavia difusa</i> L.	8	42	19,05	3,19
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	9	42	21,43	3,58
Pimenta	<i>Capsicum sp.</i>	5	42	11,90	1,99
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	7	42	16,67	2,79
Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult) T.D. Penn	5	42	11,90	1,99
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	17	42	40,48	6,77
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schldl.	14	42	33,33	5,57
Tançagem	<i>Plantago major</i> L.	9	42	21,43	3,58
Urtiga-branca	<i>Lamium album</i> L.	7	42	16,67	2,79
Vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	17	42	40,48	6,77

A tabela 4 apresenta as formas de preparo de todas as plantas citadas pelos informantes, destacando suas famílias

botânicas, seus nomes populares e científicos, partes da planta utilizadas e formas de preparo.

Tabela 3. Frequências Absolutas (FAi) e Relativas (FRi) das plantas citadas pelos informantes (FRi ≥ 5%).

Nomes Vulgares	Nomes Científicos	FRi ≥ 5%
Aroeira-do-sertão	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	6,77
Cajueiro-roxo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	7,17
Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	5,18
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	6,77
Carrapicho-de-cigano	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	5,57
Catingueira	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Mart. ex Tul.) L. P. Queiroz	5,57
Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	9,95
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	8,76
Hortelã-da-folha-gorda	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	10,75
Hortelã-do-Pará (Sete-dores)	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	4,38
Hortelã-miúda	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	6,37
Jucá	<i>Libidibiaferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	5,18

Malva-rosa	<i>Alcea rósea</i> L.	7,17
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	10,35
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	9,56
Mororó-do-sertão	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	9,95
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	6,77
Papaconha	<i>Cephaelis ipecacuanha</i> (Brot.) A. Rich.	5,97
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	6,77
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	5,57
Vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	6,77

Conclusão

O conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais vem se tornando cada vez mais esquecido, o que é motivo de preocupação por parte dos estudiosos da Botânica, haja vista que a transmissão dos conhecimentos para as futuras gerações

representa uma das formas de preservar a biodiversidade, sobretudo no semiárido nordestino do Brasil.

O baixo custo dos medicamentos à base de fitoterápicos e a facilidade no seu cultivo e na sua preparação vêm despertando o interesse da população e da comunidade científica. Contudo, a exploração irracional tem preocupado os que lutam para proteger essas riquezas naturais.

Estudos etnobotânicos, como esse que foi realizado, ajudam a chamar a atenção da comunidade científica e da população para a importância de se proteger o conhecimento sobre o modo de se explorar, de maneira sustentável, os recursos florestais na caatinga.

Agradecimentos

À bolsa de estudos concedida pela CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e aos atores sociais do município de Puxinanã, PB, pelas informações prestadas à nossa pesquisa.

Referências

AGRA, M. F., LOCATELLI, E., ROCHA, E. A., BARACHO, G. S. & FORMIGA, S. 1996. Plantas medicinais dos Cariris Velhos, Paraíba.

Parte II: subclasses Magnoliidae, Caryophyllidae, Dilleniidae e Rosidae. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 77: 97-102.

ALBUQUERQUE, U. P. & L. H. C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, São Paulo, 16, (3): 273-285.

ALEXIADES, M. N. 1996. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden. 306 p.

ALVES, R. R. N., SILVA, A. A. G., SOUTO, W. M. S. & BARBOZA, R. R. D. 2007. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. In: **Revista Eletrônica de Farmácia**. 4, (2): 175-198.

AMOROZO, M. C. M. 1996. A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciências**. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP. p. 47-48.

ARAUJO, M. M. 2009. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no Assentamento Santo Antonio, Cajazeiras, PB, Brasil**. Cajazeiras, PB: UFCG. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Campina Grande.

BIANCHINI, R., CARVALHO, J. G. & FERREIRA, L. 2010. Programas de produção e fornecimento de fitoterápicos no SUS. In: *Plantas medicinais e aromáticas*, **Informe**

- Agropecuário.** Belo Horizonte, v. 31, n. 225, mar./abr.
- BRASIL. 1972. **Ministério da Agricultura. Levantamento Exploratório e de Reconhecimento dos Solos do Estado da Paraíba.** Rio de Janeiro. Convênio MA/CONTA/USAID/BRASIL, (Boletins DPFS-EPE-MA, 15-Pedologia, 8).
- BRASIL. 2008. **Instrução Normativa nº 6, de 23 de setembro de 2008.** Dispõe sobre as espécies da florabrasileira ameaçadas de extinção.
- CASTRO, A. A. J. F. 1987. **Florística e fitossociologia de um cerrado marginal brasileiro, Parque Estadual de Vassununga, Santa Rita do Passa Quatro- SP.** 240p. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas), Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1987.
- DI STASI, L. C. (Org.). 1996. **Plantas Mediciniais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar.** São Paulo: UNESP. 230p.
- FORMAN, L. & BRIDSON, D. 1989. **The herbarium handbook Kew.** Royal Botanic Gardens, UK. 167p.
- KFFURI, C. W. 2008. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino(Minas Gerais).** Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Departamento de Fitotecnia. Universidade Federal de Viçosa , Viçosa, MG, 2008, 101 p.
- LORENZI, H.& MATOS, F. J. A. 2008. **Plantas medicinais do Brasil.** 2 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.
- MARÇAL, A. C., PEROTTI, L., DEFANI, M. A. & VISCOVINI, R. C. 2003. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população de Goioerê – PR. In: **Arquivos de Ciências Saúde Unipar.** 7(1): 21-26.
- MARINHO, M. G. V. 2006. **Levantamento de plantas medicinais em duas comunidades do Sertão Paraibano, Nordeste do Brasil, com ênfase na atividade Imunológica de *Amburana cearensis* (F. All.) A. C. Smith (Fabaceae).** 171p. Tese (Doutorado em Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos), Universidade Federal da Paraíba/ CCS, João Pessoa, 2006.
- MARINHO, M.G.V; SILVA, C.C.; ANDRADE, L.H.C. 2011. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, 13, (2): 170-182.
- MARTIN, G. J. 1995. **Ethnobotany: a methods manual.** London: Chapman & Hall. 268p.
- MARTINS, F. R. 1979. **O método de quadrantes e a fitossociologia de uma floresta residual no interior do Estado de São Paulo: Parque Estadual de Vassununga.** São Paulo. 239p. Tese (Doutorado).Instituto de Biociências. Universidade de SãoPaulo. 1979.
- MELARE, J. 2013. A vegetação da Caatinga: das alternativas medicinais às ameaças. In: **ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico.** Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=89&id=1096>. Acesso em: 19 jun. 2013.
- MORAN, E. T. 1990. **A ecologia humana das populações da Amazônia.** Petrópolis: Ed. Vozes. 367p.
- NEGRELLE, R. R. B. & FORNAZZARI, K. R. C. 2007. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). In: **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, 9, (2): 36-54.
- OLIVEIRA, E. R. & MENINI NETO, L. 2012. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. In: **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, 14, (2): 311-320.
- OMS. 1998. **Bulletin of the World Health Organization. Regulatory situation of herbal medicines. A worldwide review,** Geneva.
- PEREIRA FILHO, J. M.&BAKKE, O. A. 2010. Produção de forragem de espécies herbáceas da caatinga. In: **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga.** GARIGLIO, M. A.; SAMPAIO, E. V. S. B.; CESTARO, L. A.,

- KAGEYAMA, P. Y. (Org.). Brasília: Serviço Florestal Brasileiro.
- POSEY, D. A. 1987. Introdução - Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro, B. G. (Coord.) **Suma Etnológica Brasileira** v. 1: Etnobiologia. Petrópolis, Vozes. Rio de Janeiro: Finep, p. 15-25.
- PRANCE, G. T. 1985. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: Ribeiro, B. G. (Org.). **Suma Etnológica Brasileira**. v.1. Rio de Janeiro, p. 119-134.
- RIBEIRO, L. M. P. 1996. **Aspectos Etnobotânicos numa Área Rural – São João da Cristina, MG**. 1996. 339p. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas – Botânica), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RODAL, M. J. N., SAMPAIO, E. V. S. B. & FIGUEIREDO, M. A. 1992. **Manual sobre métodos de estudo florístico e fitossociológico – ecossistema caatinga**. Brasília: Sociedade Botânica do Brasil/Seção Regional de Pernambuco. 32p.
- RODRIGUES, V. E. G. & CARVALHO, D. A. 2001. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do alto Rio Grande- Minas Gerais. In: **Ciência Agroecologia**, 25, (1): 102-123.
- SILVA, A. F., SANTOS, A. P. & RABELO, M. F. R. 2010. Identificação botânica das plantas medicinais. In: **Plantas medicinais e aromáticas, Informe Agropecuário**, 31, (225).
- SILVA, M. D., DREVECK, S. & ZENI, A. L. B. 2009. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. In: **Revista Saúde e Ambiente / Health and Environment Journal**, v. 10, n. 2, dez.
- SOUSA, M. P., MATOS, M. E. O., MATOS, F. J. A., MACHADO, M. I. L. & CRAVEIRO, A. A. 1993. **Constituintes Químicos Ativos de Plantas Brasileiras**. Fortaleza: Editora da UFC. 416 p.
- TOLKE, E. E. A. D., PEREIRA, A. C. L., BRASILEIRO, J. C. B. & MELO, J. I. M. 2011. A família Commelinaceae Mirb. em inselbergs do agreste paraibano. In: **Revista de Biologia e Farmácia – BioFar**, 5, (2): 1-10.
- VEIGA JUNIOR, V. F. & PINTO, A. C. 2005. Plantas medicinais: cura segura?. In: **Química Nova**, 28, (3): 519-528.
- VENDRUSCOLO, G. S. e MENTZ, L. A. 2006. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. 2006. **Iheringia, Sér. Bot.**, 61, (1-2): 83-103.

Tabela 4 – Famílias botânicas, nomes populares, nomes científicos, parte usada da planta e forma de preparo.

Família e Nome popular	Nome científico	Partes usadas	Formas de Preparo
Adoxaceae Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Folha, flor	Chá
Alliaceae Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Bulbo	Imersão na água
Cebola-branca	<i>Allium cepa</i> L.	Bulbo	Chá
Amaranthaceae Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Raiz, folha	Suco com leite, farinha, chá, lambedor
Amaryllidaceae Cebola-do-mato	<i>Hippeastrum puniceum</i> (L.) Urb	Bulbo	Chá
Annonaceae Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Folha	Chá
Anacardiaceae Aroeira do Sertão	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Casca e folha	Chá e colocar de molho na água, cozimento para banho de assento
Cajueiro-roxo	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Casca	Colocar de molho na água, cozimento, garrafada, cozimento para banho de assento, chá
Apiaceae Endro	<i>Anethum graveolens</i> L.	Semente	Chá e lambedor
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill	Semente e Folha	Chá

Apocynaceae Boa-noite branca	<i>Catharanthus roseus (L.) G. Don</i>	Flor	Dentro da orelha com algodão
Arecaceae Coco-catolé	<i>Syagrus schizophylla (Mart.) Glassman</i>	Casca e Raiz	Chá
Asphodelaceae Babosa	<i>Aloe vera (L.) Bum. f.</i>	Folha	Raspa a folha e usa a “baba”
Asteraceae Boldo	<i>Vernonia condensata Baker</i>	Folha	Chá
Camomila	<i>Chamomilla recutita (L.) Rauschert</i>	Flor	Chá
Cardo-santo	<i>Cnicus benedictus L.</i>	Semente e folha	Chá
Carrapicho-de cigano	<i>Acanthospermum hispidum D.C</i>	Raiz	Chá e Lamberdor
Fumo-bravo	<i>Elephantopus mollis Kunth</i>	Folha	Cozimento
Girassol	<i>Helianthus annuus L.</i>	Semente	Chá
Picão	<i>Bidens pilosa L.</i>	Raiz	Cozimento
Costaceae Cana-do-mato	<i>Costus spicatus (Jacq.) Sw.</i>	Folha	Chá
Cucurbitaceae Cabacinha	<i>Luffa operculata (L.) Cogn</i>	Fruto	Cozimento para inalação
Melão-de-São-Caetano	<i>Momordica charantia L.</i>	Folha e caule	Cozimento
Euphorbiaceae Carrapateira	<i>Ricinus comunis L.</i>	Folha	Folhas quentes
Fabaceae Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens (Mart.) Coville</i>	Casca	Cozimento para banho de assento
Catingueira	<i>Poincianella pyramidalis (Tul.) L. P. Queiroz</i>	Flor e Folha	Chá, lamberdor e imersa na água para

			tomar
			Lambedor
Cumaru	<i>Amburana cearensis</i> (Alemão) A.C. Sn	Casca	Chá da casca ou casca imersa na água e
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd	Casca e semente	semente pisada
Fedegoso	<i>Senna uniflora</i> (Mill) H.S. Irwin & Barneby	Raiz e folha	Chá
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Casca do fruto	Lambedor
Jucá	<i>Libidibiaferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	Casca e vagem	Chá e imersão em água
Mororó-do-sertão	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud	Folha	Chá, imersão em água, imersão no álcool, lambedor
Lamiaceae			
Hortelã-da-folha-gorda	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Folha	Lambedor, batido no liquidificador, chá,
Hortelã-do-Pará (sete-dores)	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Folha	garrafada
Hortelã-miúda	<i>Mentha x villosa</i> Huds	Folha	Chá
Urtiga-branca	<i>Lamium album</i> L.	Raiz	Chá, lambedor
			Lambedor
Lauraceae			
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Folha	Chá
Lythraceae			
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Casca do fruto	Dentro da água
Malpighiaceae			
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i> DC	Fruto	Lambedor e suco
Malvaceae			
Malva-rosa	<i>Alcea rosea</i>	Folha	Cozimento para banho, lambedor
Myrtaceae			
Azeitona-preta	<i>Syzygium cumini</i> (L) Skeels	Folha	Chá
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Folha	Cozimento

Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Folha	Chá
Nictaganiaceae Pega-pinto	<i>Boerthavia difusa</i> (L.)	Batata	Chá
Passifloraceae Maracujá-do-mato	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Folha	Cozimento para banho
Phantaginaceae Tançagem	<i>Plantago major</i> L.	Folha	Cozimento para banho
Phyllanthaceae Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Raiz	Chá
Poaceae Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf	Folha	Chá
Rhamnaceae Juazeiro	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Casca e folha	Raspa da casca e lambedor
Rubiaceae Jenipapo-do-mato	<i>Genipa americana</i> L.	Casca	Imersão na água
Papaconha	<i>Cephaelis ipecacuanha</i> (Brot.) A. Rich.	Raiz	Chá
Vassourinha-de-botão	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Raiz e folha	Cozimento para banho de assento e chá
Rutaceae Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folha	Chá, infusão, folhas amassadas e imersão na água
Sapotaceae Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Hum. ex Roem, & Schult) T.D. Penn	Casca	Imersão na água

Solanaceae Pimenta	<i>Capsicum spp</i>	Folha	Folha com manteiga da terra
Verbenaceae Erva-cidreira	<i>Lippia alba (Mill.) N.E. Br.</i>	Folha	Chá
Vitaceae Insulina	<i>Cissus verticillata (L.) Nicolson & C.E. Jarvis</i>	Folha	Chá
Zingiberaceae Colônia	<i>Alpinia zerumbet (Pers.) B.L. Burt & R.M.</i>	Folha	Cozimento para banho
